

CONSCIÊNCIA SOCIAL

Voltam a chover as cartas com comentários ao artigo sobre as taxas da moagem e com os costumados receios de que me tenha «vendido» aos capitalistas! Diz um dos menos amáveis contraditores: «os pobres não têm nada que dar pela sua defesa, ao passo que os ricos...»

A insinuação não me fere, porque me parece não ser feita com má intenção. O erro fundamental — e a culpa é de todos — está em nos convencermos, uns e outros, de que ninguém tem boa vontade.

Os operários, que eu conheço como a palma das minhas mãos, porque com eles lido há muitos anos, partem sempre do princípio de que estão a ser explorados pelo patrão. E os patrões — que também conheço suficientemente — partem do princípio de que os operários trabalham o menos possível, e precisam de ser vigiados e ameaçados para cumprirem os seus deveres.

E a verdade é que, regra geral, ambos acertam. Ainda, há dias, me dizia um operário que, actualmente, mercê do seu esforço, é patrão: «Ora eu tanto mal disse de fulano, e afinal é ele quem tem razão: estes operários só vão à má cara; com bondades é que se não levam».

Enquanto patrões e operários não mudarem de mentalidade, pouco se pode avançar na solução do problema social. Ambos têm de dar mostras de boa vontade para substituir a actual desconfiança por uma franca confiança mútua. Sem ela, nada feito.

Mas o patrão não se decide a entrar nesse caminho porque tem a psicologia de que está roubado pelos operários, que eles só se decidem a trabalhar à custa de uma rigorosa e implacável disciplina e, ainda mais, de que não merecem que os ajudem porque eles próprios não se esforçam, salvo raras excepções, por melhorar a sua própria vida com esforço e dedicação ao trabalho. Não os vêem indolentos, sempre à espera da hora da saída, gastando a féria toda às vezes em inutilidades, sem o mínimo anseio de economia (mesmo quando podem economizar, que nem sempre é o caso), e sem o desejo sequer de subir na escala social pela valorização do seu próprio trabalho? Muitos que assim não fazem, são vítimas do procedimento da maioria dos seus camaradas e tudo é medido pela mesma rasoira.

Por mais que custe aos operários ouvir estas verdades, só é amigo deles quem tem a coragem de lhas dizer. A popularidade não importa quando se trata de salvar um doente. O médico não deixa de fazer sofrer o seu cliente, quando o bisturi for o único meio eficaz de o salvar.

Já há muito me convenci de que estamos metidos num tremendo círculo vicioso: os patrões não tomam a iniciativa da pacificação social, não tanto porque são egoístas, como porque perderam a confiança no operariado. Os operários nada fazem para conquistar essa confiança, porque estão convencidos de que os patrões são todos uns miseráveis exploradores do seu suor e de que é preciso, portanto, conseguir, por todos os meios, que «suguem» o menos possível o sangue proletário.

E o pior de tudo é que ninguém se esforça por quebrar as cadeias deste horrível círculo vicioso. Nem os Sindicatos, nem os Grêmios, nem o próprio Estado deram até hoje um único passo no sentido de educar os patrões e educar os operários, a fim de lhes fazer compreender que o bem comum é o seu próprio bem particu-

lidade nova.

E' preciso criar «escolas» de patrões e «escolas» de operários para fazer nascer nuns e noutros uma consciência nova, ou melhor, pura e simplesmente, uma consciência social.

Tenho diante dos olhos uma revista belga destinada às filhas dos ricos. Copiamos dela as seguintes palavras: «Alguns membros de um círculo de estudos patronal compreendem que é preciso não só ver claro, mas descer às realizações, e decidem fazer cada um deles alguma coisa de prático». Na reunião seguinte, diz um «As casas operárias que me pertencem, não tinham água; comprei a canalização necessária, os operários começaram a colocá-la e eu não lhes aumentarei as rendas».

Outro acrescentou: «Verifiquei que

na minha casa, havia um único quarto que não tinha aquecimento — o da criada; já o mandei colocar para que seja aquecido, como os outros».

Disse ainda outro: «Tenho tanto trabalho que nem ao domingo posso descansar: todo o dinheiro que receber pelas operações feitas ao domingo, restitui-lo-ei à comunidade».

Estes, vendo a inutilidade ou quase inutilidade da educação social dada pelo Estado e pelas organizações profissionais, resolveram eles mesmos tomar a iniciativa de se educarem a si mesmos. Estes e muitos outros.

Não será possível, entre nós, imitar-se-lhes o exemplo, a fim de que, pela criação de uma consciência e uma mentalidade novas, se quebre espontaneamente o círculo vicioso? Haveria além disso a vantagem de se começar a compreender uma outra coisa, isto é, de que é feio chamar-me comunista ou demagógico quando apareço a defender os operários, ou dizerem que me vendi aos patrões quando a minha consciência me leva a defender a justa remuneração do capital, tão necessário hoje à Nação como o próprio trabalho.

ABEL VARZIM

Gr
tr
ci
C
O
H
N
d
L
S
g
u
b
P
d
ti
sa
S
e: